

O caso emblemático de Canudos indica a situação de desespero extremo a que são impelidas as massas populares pela *revolução passiva* das elites dominantes. A resposta dos rebelados é, de um lado, energética, forte, destemida, heróica, como ficou demonstrado em Canudos, de outro é uma luta desesperada, destinada inexoravelmente à derrota porque, dominada pelo atraso, pelo despreparo e pelo isolamento.

O CACHORRINHO SAMBA EM CANUDOS:

O Estranhamento na Literatura Infanto-Juvenil

Climaco Dias

Pesquisador do CEEC UNEB

A Guerra de Canudos sempre teve uma grande influência sobre a literatura brasileira. Desde o seu mais famoso livro “Os Sertões”, Canudos vem sendo uma rica fonte para os ficcionistas brasileiros e estrangeiros. Ali inaugurou-se o Romance denúncia, rompendo com uma fase anterior em que o sertanejo era tratado de uma forma idealizada. A tragédia canudense trouxe o conflito para a literatura, e o sertão passou a ser visto não mais como um espaço de “pobres felizes” mas como um palco de grandes conflitos sociais. Conselheiro e sua gente fez a literatura regional brasileira perder uma inocência, que na verdade era a indisposição para compreender o Brasil dos índios, dos negros, dos mestiços, dos oprimidos e famintos. E se Canudos tem essa importância para a literatura, a literatura também sempre foi muito importante para o resgate dos acontecimentos que há cem anos faz o Brasil ainda ficar perplexo.

Ficção e história sempre andaram de mãos dadas nessa tragédia brasileira. Dos livros surgidos quando ainda se buscava entender a dimensão real do massacre, grande parte seguiu a trilha da ficção. Em 1898 um ano após a destruição do Arraial, o escritor Afonso Arinos lançava “Os Jagunços” e o poeta popular Manoel Bombinhos publicava

o cordel “Canudos Historia em Versos. Em 99, o correspondente de guerra Jornal de Noticias, Manoel Benício publica “O Rei dos Jagunços”. Além do livro mais perturbador “Os Sertões” de Euclides da Cunha publicado em 1902 e que até hoje se discute se é ficção ou um ensaio científico, sem se encontrar um consenso acerca do gênero do livro de Euclides.

Talvez por isso, a ficção canudiana jamais seja abordada pela crítica com a delicadeza que normalmente exige uma obra ficcional. A ficção que mesmo sem pretender faz história, exige e chama para si uma crítica bem mais exigente e contundente que a obra que não se coloca neste espaço de dualidade. E a ficção sobre a Guerra de Canudos sempre esteve imbricada com a história, ou se propôs a contá-la a exemplo do livro “O Cachorrinho Samba na Bahia” da Sr^a Leandro Dupré ou Maria José Dupré.

“O Cachorrinho Samba na Bahia” é um dos raros livros de literatura infanto-juvenil que enfoca a Guerra de Canudos. Lançado pela editora Saraiva em 1957 por Maria José Dupré que àquela época assinava Sr^a Leandro Dupré. A autora também é uma das mais, lidas e consagradas pelo público infanto-juvenil, sobretudo com os livros “Cachorrinho Samba”, “Cachorrinho Samba na Fazenda”, “Cachorrinho Samba na Floresta”, além de ser autora de livros como “Éramos Seis” que foi até adaptado para novela por uma rede nacional de televisão.

A trama do livro “O Cachorrinho Samba na Bahia” é a visita do cachorrinho paulista Samba, junto com os seus donos à Bahia, passando por Salvador, Geremoabo, Canudos e Paulo Afonso. O desenrolar da história é uma sucessão de equívocos históricos, estranhamentos e preconceitos que acompanham o Cachorrinho durante toda sua visita, o que traduz o exacerbado estranhamento que as elites brasileiras sempre tiveram ao se depararem com as movimentos populares. Sessenta anos depois, Maria José Dupré olhava Canudos através das lentes que as elites do final do século XIX utilizavam. Com preconceito, manipulação de fatos, e o emudecimento

dos pobres por achá-los incultos e inferiores, sendo portanto incapazes de tornarem-se agentes da história.

Ao chegar em Salvador a autora demonstra o deslumbramento ou a visão paradisíaca do “estrangeiro” quando visita a Bahia, ao descrever a festa da Boa Viagem: *“Os nomes das barracas continuavam a ser lidos em voz alta: Barraca Perpétua, Barraca da Alegria de Viver, Barraca do Sol Dourado, Barraca da Galeota, Barraca dos Navegantes, Barraca de Beira Mar, Barraca de Maria de São Pedro, a mais famosa quituteira baiana”...* *“Nomes tão lindos que o dono do Samba ia lendo e os outros iam repetindo porque achavam bonitos. A praia até onde a vista alcançava, estava cheia de povo e as cores das roupas, o movimento, a música, o cheiro de comida, as barraquinhas armadas, dava cor pitoresca a Salvador”...* *“Espetáculo nunca visto Barraca de Abaeté, Barraca de São Jorge, Barraca de São Rafael e dourando tudo um sol quente e vermelho”...*

Mas onde se estabelece o estranhamento a que foi feita referência anteriormente, se ao contrário, este fragmento apresentado é a perfeita simbiose de um visitante com o lugar visitado?

A seqüência logo após esse deslumbramento, oferece uma resposta imediata, quando o Cachorrinho Samba dialoga com um Cachorro Baiano:

- ... *“Onde está o seu dono? gostaria de conhecer*
- *“Meu dono é preto, falou o baiano mas é um preto de alma branca. E um dono excelente nunca me faltou nada, quero-o de todo coração. É aquele que está dançando samba”.*

Estes dois trechos aparentemente contraditórios na verdade são complementares, pois sintetizam a visão dominante das elites brasileiras, quando revelam as suas impressões sobre o povo. A visão idílica e romantizada é a primeira, desde que o povo se adegue a alguns condicionamentos, como: ser negro de alma branca, ser índio manso, não se revoltar contra a ordem estabelecida, e não tentar ocupar os espaços preenchidos pelos dominadores. E descumprindo qualquer

item deste código subjugante, o povo passa a ser fanático, descaído, louco, assassino, sub-raça e mais uma gama de adjetivos análogos que estão disseminados na maior parte dos escritos das elites, quando estas tratam das revoltas e lutas populares. Em um passe de mágica, o que é pitoresco passa a ser horrendo, o que é amor passa a ser ódio e o que é pertencimento passa a ser estranhamento.

Depois desta estada em Salvador, “O Cachorrinho Samba” e os seus donos dirigem-se para Canudos, antes passando pelo município de Geremoabo. A permanência nesta cidade não oferece nenhum fato que mereça destaque. No entanto, na estrada para Canudos, a autora já revela o seu posicionamento a respeito da Guerra de Canudos quando faz através do narrador distante, o seguinte comentário:

“A manhã estava quente mas não desagradável, os olhos de todos estavam fixos no caminho. Neste mesmo caminho que, 60 anos antes, foi trilhado pela tropa do general Savaget e seus auxiliares; e toda tropa foi atacada pelos jagunços de Canudos.”

Esse comentário faz parte de um posicionamento recorrente em grande parte do livro de Maria José Dupré, e de quase toda literatura e historiografia sobre a Guerra de Canudos. A imagem que ficaria retida desta construção se não fosse identificado o seu conteúdo eminentemente ideológico, seria algo prozaico e bizzaro. Seria como se o General Savaget tivesse partido de Aracaju com destino a Canudos com 2.350 soldados fortemente armados para fazer um passeio e no percurso tivesse sido atacado por jagunços hostis. Ora, quem foi atacar os conselheirista foi o General Savaget, e qualquer atitude beligerante assumida pelos canudenses foi antes de qualquer questionamento, defensiva. os canudenses jamais tomaram a iniciativa de ataque na Guerra. Sempre se comportavam de forma aguerrida e brava. Mas sempre se defendendo. Ter ido ao encontro de uma tropa que já marchava por centenas de quilômetros com o objetivo de destruir Canudos, foi uma atitude defensiva.

Uma vez em Canudos, O Cachorrinho Samba entra em contato com os cachorros do lugar e a escritora faz uma transferência das suas posições tanto para estes como para Samba. Na primeira situação, dois cachorros canudenses iniciam uma discussão banal e um deles em atitude indócil mostra os dentes para o outro, que retruca desta forma:

“Não precisa mostrar os dentes, perde seu tempo, você vive procurando encrencas... parece que aprendeu essas coisas de briga com os jagunços de Antônio Conselheiro”.

No outro momento é o próprio samba que faz uma intervenção, a propósito de acalmar os ânimos de dois outros cachorros canudenses que também se desentendiam:

“Calma rapazes pediu samba. Vim aqui para visitar vocês e não quero ver briguinhas e discussões como no tempo dos jagunços”.

Estes dois momentos unifica definitivamente a visão da autora de que os conselheiristas eram os agressores. Tanto o narrador distante, que é a própria autora, quanto o Cachorrinho Samba e a comunidade, têm a opinião comum de que Antônio Conselheiro e seus seguidores foram os causadores da Guerra. Em nenhum momento do livro esta “verdade” é colocada em dúvida. E os cães também fazem coro com essa versão, sejam os canudenses, ou Samba. Canudos para Maria José Dupré não tem presente nem futuro e o passado é dissociado do mundo sertanejo que o circundava, por não existirem causas para a guerra a não ser a belerância dos canudenses, e os habitantes de Canudos sessenta anos depois na voz dos seus cachorros reprovam os conselheiristas. A Guerra de Canudos para a autora é um ato de delinquência não de revolta social, como pode ser observado neste trecho que é narrado na voz da cadela canudense Chinita, principal narradora dos episódios da guerra:

... Sendo pessoas atrasadas, mal sabendo ler ou sem instrução alguma, acreditavam tudo que dizia o Conselheiro”...

... “Ora essa gente boa que veio para cá pensando que Antônio Conselheiro era santo vieram também homens maus assassinos que queriam esconder-se da polícia. Assim vieram Pedrão, Pajeú, José Venancio, autor de dezoito mortes, Joaquim Trancapês, Raimundo Boca Torta, Chico Ema, Antônio Foguetreiro, Quiquim, Macambira, João Abade, Antônio Beatinho, Taramela, Manoel Quadrado”...

... “Muitos não trabalhavam viviam tocando viola de papo pro ar, ou então conversando, ou rezando”...

... “A comida começou a faltar, havia gente demais e os gêneros eram poucos para tantas bocas e alguns homens começaram a roubar: Saíam ai pelo sertão, roubavam bois, mantimentos, tudo o que podiam; depois chegavam aqui com cara de inocentes e iam rezar na igreja com o Conselheiro. Ele não sabia seus homens faziam estrepolias”...

... “Mas o Conselheiro era ignorante, não sabia nem interpretar a religião, fazia tudo a moda dele”...

Esta parte revela todo o estranhamento da autora em relação à comunidade de Canudos. O preconceito embora seja dirigido a todos é obliterado por um ardil muito comum aos escritores que não aceitam a existência do Belo Monte, que é a separação dos habitantes em três estratos bastante diferenciados: o primeiro é composto pela grande maioria, que é “atrasada” e “inculta” e que por isso, e só por isso, segundo eles, seguiu o conselheiro. O segundo estrato é representado por Antônio Conselheiro que apesar de também ser “ignorante”, pela sua liderança consegue atrair essa massa. O terceiro é composto pelas lideranças que são criminosos procurados pela polícia e que continuam a delinquir, aproveitando-se da falta de conhecimento do Conselheiro sobre a realidade que o cerca em Canudos. O que essas visões nunca quiseram perceber, é que mesmo depois de guerrear contra quatro

expedições militares, qualquer pessoa teve, até os momentos finais, liberdade para ir embora. E se eles resolveram lutar até o fim, não é porque fossem incultos e ignorantes, mas por serem movidos pela fé, e portanto acreditavam que venceriam qualquer expedição e tomariam os seus destinos nas suas próprias mãos. Canudos tinha a utopia na alma, e utopia jamais é compreendida pelos conservadores.

Um outro aspecto revelador do livro da escritora Maria José Dupré é a forma favorável e até mesmo passional com que esta trata o exército. O sentimento em relação as tropas, invariavelmente oscila entre a exaltação do heroísmo, à dor com o sofrimento dos soldados, como pode ser visto na sequência a seguir, na narração da cadelã Chinita:

... “Então nesse momento apareceu o feroz Pajeú, jagunço perigoso e temível. Sabem o que ele organizou? O cerco da tropa estropiada nas gargantas do Cambaio, na volta, pobres soldados famintos e cansados tiveram que lutar heroicamente contra os homens de Pajeú atravessaram a garganta da serra com as maiores dificuldades e o Major Febrônio e seus oficiais deram provas de coragem extraordinária... ou sobre a expedição Moreira César

... “Somente a artilharia defendia-se calmamente, dirigida por um valente que nunca se acovardou: Salomão da Rocha”.

O exército como a representação máxima das elites brasileira, neste livro é elevado a uma condição que nunca desfrutou na guerra de Canudos. A depender da situação são heróis ou vítimas. Em nenhuma passagem há qualquer registro sobre a prática covarde da degola de prisioneiros, utilizada fartamente pelos militares, e denunciada imediatamente após o fim da guerra pelos estudantes da Faculdade de Direito da Bahia, e depois por Euclides em os sertões, e como é que soldados, que na sua grande maioria eram recrutados de forma compulsória, sem ter uma compreensão clara sobre a causa porque estavam lutando podiam ser protagonistas de tantos atos de heroísmo?

E a versão favorável aos militares é completamente disseminada por todo livro a ponto da autora não considerar a expedição do Tenente Pires Ferreira, como uma das quatro comumente aceitas, enquanto que a expedição Artur Oscar se transforma em três expedições distintas, uma comandada pelo próprio, outra comandada pelo General Savaget e a última sob, o comando do General Bittencourt. As duas primeiras, segundo a autora são as comandadas pelo Major Febrônio de Brito e o Coronel Moreira César respectivamente.

Ora, para quase toda a historiografia Canudense e até para o próprio exército, foram quatro as expedições inclusive a do Tenente Pires Ferreira, e a expedição de Artur Oscar é considerada a destruidora de Canudos, sendo a coluna comandada pelo General Savaget e os homens que posteriormente vieram, sob as ordens do General Girard e do Ministro da Guerra General Bittencourt, apenas apoio ao General Artur Oscar.

Maria José Dupré considera, na voz da cadela Chinita, que as expedições de Savaget e Artur Oscar foram derrotadas, enquanto que a expedição "Salvadora" comandada por Bittencourt é quem põe fim ao arraial de Canudos¹. Como o General Bittencourt poderia ser o comandante de uma expedição se o mesmo ficou em Monte Santo? Porque dentro dessa lógica a autora não considerou a coluna Girard, conhecida nas hostes militares como "Mimosa", pelo grande número de pedidos de baixa dos seus integrantes motivados pelo medo, e covardia como uma expedição?

¹ Euclides da Cunha denomina o grupo que acompanha o General Bittencourt de "Divisão Salvadora".

As respostas a essas perguntas podem facilmente ser encontradas por todo o passeio do cachorrinho samba na Bahia que é um libelo da não compreensão da comunidade do Belo Monte. O cachorrinho Samba e Sr^a. Dupré foram a Canudos, mas em todo momento olharam com olhar do preconceito, do estranhamento absoluto. mesmo sessenta anos depois, as elites ainda não haviam perdoado um povo que teve como único pecado querer construir o seu próprio caminho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

1. DUPRÉ, Senhora Leandro. *Cachorrinho Samba na Bahia*, São Paulo: Saraiva, 1957.